


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DOU - Secex I (77)
Data	20/04/2000 Pg 20-3
Class.	TVD 00003

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 18, DE 18 DE ABRIL DE 2000

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1941/92. Referência: Terra Indígena ALTO TARAUCÁ. Interessado: Grupo Indígena Isolados. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE SUBSTITUTO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BBSB/1941/92, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria dos antropólogos Antonio Pereira Neto e Terry Valle de Aquino, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena ALTO TARAUCÁ, de ocupação do respectivo grupo tribal Isolados, com superfície e perímetro aprovados de 142.600 hectares e 239 km respectivamente, localizada nos municípios de Jordão e Feijó, Estado do Acre.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Acre, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

ROQUE DE BARROS LARAIA

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA ALTO TARAUCÁ


Referência: Processo FUNAI/BSB/1941/92. Terra Indígena: Alto Tarauacá. Superfície: 142.600 ha. Perímetro: 239 km. Localização: Municípios de Feijó e Jordão, Estado do Acre. Sociedades Indígenas: Povos Isolados. Família Lingüística: presumivelmente Pano. População: estimada em 600 índios (1998). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 483/PRES, de 22 de maio de 1998, coordenado pelo antropólogo Antonio Pereira Neto.

I- DADOS GERAIS

A Terra Indígena (TI) Alto Tarauacá é tradicionalmente ocupada por grupos indígenas isolados, que não mantêm contatos sistemáticos e permanentes com segmentos da população regional envolvente. Está situada no Município de Jordão, no vale do Alto Juruá, a sudoeste do Estado do Acre. Ao longo da fronteira brasileira/peruana, as cabeceiras dos rios Tarauacá, Envira, d'Ouro, Imbuia, Xinane, Jordão, Muru e Humaitá, tributários da margem direita do rio Juruá, constituem áreas de moradia e ocupação necessárias à reprodução física e cultural de grupos indígenas isolados, provavelmente falantes de idiomas da família lingüística Pano. A presença tradicional e histórica desses povos, que ocupam esta terra ou a utilizam em suas atividades de caça, pesca, coleta e, ainda, para saquear casas ocupadas por seringueiros acreanos no interior de seus limites, bem como aldeias Kaxinawá, Kulina e Kampa (Ashaninka), em suas vizinhanças, está exaustivamente comprovada nos relatórios existentes no Departamento de Índios Isolados da FUNAI (DEII/DAS), em textos de antropólogos e historiadores regionais e no Processo em referência. Não havendo como denominá-los corretamente, optou-se por chamá-los simplesmente "grupos indígenas isolados". O primeiro dos presumíveis povos isolados que ocupam tradicionalmente e/ou percorrem usualmente esta terra indígena, tem suas malocas estabelecidas nas cabeceiras do igarapé Imbuia, afluente do alto rio Envira, próximo ao marco 34 da fronteira internacional com o Peru. O segundo tem suas aldeias situadas entre as cabeceiras dos rios Muru e Humaitá, na zona limítrofe entre as terras indígenas Alto Tarauacá e Kaxinawá do Rio Humaitá. O terceiro tem seus aldeamentos localizados nas cabeceiras do igarapé Papavó, afluente da margem esquerda do alto rio Jordão, e no território peruano próximo, de onde se desloca com frequência para a região das nascentes dos rios Jordão e Tarauacá. Por fim, um quarto grupo isolado ocupa a região entre o rio Envira e as cabeceiras do igarapé Riozinho, seu afluente da margem direita, no interior das terras indígenas Kampa e Isolados do Rio Envira e Xinane, desde onde parece realizar incursões na parte sul da TI Alto Tarauacá.

Por se tratar de grupos isolados, não se conhece ainda como se autodenominam, que línguas falam precisamente, suas distinções étnicas e o montante exato de suas populações. Como já afirmado, estes grupos falam presumivelmente línguas pertencentes à família Pano ou, alternativamente, à família lingüística Aruák, a que pertencem as línguas de outras sociedades indígenas próximas. De qualquer forma, pode-se recolher informações em textos como os do padre francês Constant Tastevin, do juiz federal e historiador acreano José Brandão Castello Branco Sobrinho, nos relatórios de viagem de inspetores do extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI), bem como em depoimentos de antigos seringueiros, seringueiros e de velhos Kaxinawá e Ashaninka, que atestam que a terra indígena identificada e delimitada vem sendo tradicionalmente ocupada por esses povos isolados ao longo do século que se encerra. Esses povos foram denominados das mais variadas formas: 'Papavó' (Tastevin, C., "O Alto Tarauacá", 1926); 'Yumbanawa, Chenenawa, Contanawa, Mainawa, Machanawa e Amauaca' (Castello Branco, J. M., "Povoamento da Acreânia", 1961); 'Jaminawa' (Índios Kaxinawá do rio Jordão); 'Paranawa' (seringueiro do alto rio Tarauacá); 'brabos' (Aquino, T. & Iglesias, M., Kaxinawa do Rio Jordão, 1994); e 'Masko' (Meirelles Jr., J. C., "A Presença Masko na Frente Envira", 1999). O sertanista José Carlos dos Reis Meirelles Junior, que desde 1988 trabalha na Frente de Contato Envira, estima que a população total dos grupos isolados em tela é superior a 600 índios.

O rio Tarauacá tornou-se conhecido dos moradores das vilas de Fonte Boa e Ega (Tefé), no rio Solimões, já na segunda década do século XIX. Em 1854, João da Cunha Correia, comerciante de Ega e encarregado dos índios do Juruá, realiza uma expedição subindo os rios Tarauacá e Envira até as suas cabeceiras, de onde transpôs o divisor de águas até o rio Purus. Nova expedição, levada a efeito pelo mesmo encarregado em 1857/58, localiza no baixo Juruá os índios denominados Marawá, Katauxi, Kanamari e Arawá. Após o início da navegação a vapor e do boom da borracha no rio Juruá, a partir de 1870, ocorre a instalação de seringais no trecho do rio Tarauacá até o Muru (1883/92). O trecho acreano do rio Envira somente seria alcançado em 1889, chegando os seringueiros à foz do rio Jaminawá três anos depois. Relatório do SPI de 1911 informa a distribuição de parte dos grupos indígenas que então habitavam o alto curso dos rios Tarauacá e Envira: no alto Tarauacá localizavam-se os Kaxinawá e Kontanawa; no alto Muru, os Kaxinawá e Kulina; no igarapé Iboiaçu, os Kaxinawá; no rio Humaitá, os Arara, Ararapina, Kontanawa, Kaxinawá, Jaminawa e Tuxinawa; no alto Envira, os Kaxinawá, Jaminawa, Kulina, Katukina, Aninawa, Ararawá e Kapanawa; e no rio Furnanha (ou Furnaya), os Marinawa e Tuxinawa. De acordo com João Braulino de Carvalho, médico da Comissão de Limites Brasil/Peru nos anos 20, o alto Envira era então

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DOU
Data	20/04/2000 Pg 21
Class.	

habitado pelos índios Marinawa (rio Furnanha), Jaminawa (rio Jaminauá), Xaranawa (igarapé Riozinho) e Tutxinawa (igarapé Progresso).

Em 1900, a frente seringalista alcança a foz do rio Jordão, instalando-se três anos depois no alto rio d'Ouro após serem vencidos os índios Kontanawa e Satanawa, que aí habitavam. Todavia, nove anos depois os proprietários de seringais do alto Tarauacá pediam ainda a ajuda de Felizardo Cerqueira para se defender contra os índios "Papavo", que produziam vítimas e numerosos roubos a cada ano. Acompanhado por famílias Kaxinawá oriundas do igarapé Iboiaçu, aquele mateiro estabeleceu-se à margem do igarapé Formoso, afluente da margem esquerda do alto Tarauacá, e em Revisão, último seringal do rio Jordão (hoje denominado Novo Segredo), passando a garantir a segurança dos patrões seringalistas contra a população indígena da região. Sete anos depois, havendo realizado o censo dos seringais existentes no alto curso do rio Tarauacá e rio d'Ouro, Constant Tastevin faz as seguintes observações sobre a população indígena dessa região: "Nas águas do Tarauacá só há índios selvagens sobre as margens do Matapá ou igarapé do Bernardo, afluente do Jordão; e sobre as margens do Laurita ou igarapé dos Papavos. Os primeiros são Nehenawa e os outros são Yumbanawa e Chenenawa. Os Nenenawa vieram dos afluentes da esquerda do Embira, de onde foram caçados pelos Kontanawa e pelos Mainawa, ainda selvagens, assim como pelos Machonawa... Os Yumbanawa são conhecidos pelos brancos com o nome de Papavo, que até hoje não tem sentido em língua nenhuma: poderia ser uma palavra pano... mas não encontrei nenhuma índia capturada que soubesse interpretá-lo. Além disso, todas aquelas em que a aplicamos rejeitam-na e não conhecem nenhum clã a quem ele pertença. Estas mesmas índias, ou pelo menos algumas entre elas, davam-se o nome de Amahuacas, em particular os Nisinawa; outras se chamavam simplesmente Tyani ou Tchaninawa; Mastanawa ou Bastanawa; Binchawa, Charanawa, Yabi ou Yambinawa, Chanenawa; Mainawa. Acredita-se que são os próprios índios que se deram esse sobrenome de Papavo" (*op. cit.*, 1926).

No período que se seguiu, esses índios foram vítimas de cruentas "correrias", expedições armadas patrocinadas por patrões seringalistas para garantir a segurança de seus fregueses e vingar ataques perpetrados pela população nativa. Essas *razzias* provocaram a dispersão dos povos indígenas pelas cabeceiras dos mais remotos afluentes e tributários dos principais rios da região, aonde grande parte foi contatada forçosamente por prepostos dos donos de seringais entre 1950 e 1960 para possibilitar a penetração das frentes de expansão econômica. Por outro lado, em suas andanças pela região dos formadores dos rios Tarauacá, Envira, Jordão e Humaitá, esses índios protagonizaram desde então quase todos os anos, sempre à época de verão, diversos recontros com seringueiros e outros grupos que habitam as terras indígenas próximas. Observando a rotina das famílias de seringueiros e de índios Kaxinawá, Kulina e Kampa que moram em colocações e aldeias mais afastadas, os integrantes desses grupos isolados aprenderam a arte de usar armas de fogo, realizando saques que visam a obtenção de ferramentas, outros instrumentos de trabalho, estivas, roupas, espingardas etc. Desde o início dos anos 60, alguns patrões seringalistas estabelecidos nos altos cursos desses rios mobilizaram turmas de índios Kampa (Ashaninka) para evitar a presença e os saques que os índios isolados praticavam nas residências dos seringueiros, sobretudo daqueles que ocupavam colocações de centro e estradas de seringa nas cabeceiras de pequenos igarapés. Nos últimos vinte anos, a pilhagem praticada pelos grupos isolados tem gerado violentos enfrentamentos com os seringueiros do alto rio Tarauacá, por um lado, e com os Kaxinawá do rio Jordão e Kampa do rio Envira, por outro, resultando em muitos mortos e feridos.

II- HABITAÇÃO PERMANENTE

A presença de índios isolados no alto curso do rio Tarauacá e na zona contígua pode ser comprovada principalmente pela longa sucessão de saques e conflitos entre eles e a população não indígena dos seringais estabelecidos em seu território. Com efeito, as informações reunidas até o momento permitem concluir que a TI Alto Tarauacá é ocupada no presente por mais de um grupo indígena isolado, embora seja difícil muitas vezes particularizá-los e afirmar o tipo de relações que mantêm entre si. Um primeiro conjunto de aldeamentos se localiza na região entre as nascentes do rio Tarauacá e a margem esquerda do rio Envira, ocupando de modo especial dois afluentes deste último, os igarapés Imbuia e Xinane (também denominado Cachoeira Progresso). Devido à proximidade geográfica, é possível que este grupo esteja relacionado àquele que se faz presente nas cabeceiras do Tarauacá deslocando-se desde o alto rio Jordão e seu afluente da margem esquerda, o igarapé Papavô. Outro conjunto de malocas se situa no extremo oposto da área, entre as cabeceiras do rio Muru e as do rio Humaitá, verificando-se sua localização exata em sobrevôo realizado conjuntamente em fevereiro de 1998 pelos respectivos chefes do Departamento de Índios Isolados e da Frente de Contato Envira. Por fim, outro grupo isolado tem suas malocas localizadas no alto igarapé Riozinho, afluente da margem direita do Envira, estando inserido nos limites da TI Xinane mas utilizando eventualmente a TI Alto Tarauacá em seus deslocamentos.

As notícias mais recentes sobre os índios isolados que ocupam a região entre as cabeceiras do rio Tarauacá e o alto Envira tem início em 1962/65, quando eles aparecem no trecho desse último acima do igarapé Maxacuca e nas cabeceiras do igarapé Letreiro, afluente de sua margem esquerda. Por duas ocasiões, em 1977/78, os grupos isolados saquearam a aldeia Kampa localizada no igarapé Maxacuca, baleando dois membros deste grupo no igarapé Xinane em 1979. No ano seguinte, depois de um ataque à aldeia de Txompo, acima do Maxacuca, os Kampa seguem os vestígios dos atacantes, localizando dez malocas nas cabeceiras do igarapé Tabocal, também afluente da margem esquerda do Envira. Em 1981, após uma nova tentativa de ataque nas margens do Envira, os Kampa matam uma família de índios isolados no igarapé Xinane. Três anos depois, novo choque entre os índios isolados e os Kampa no trecho acima do igarapé Xinane resulta na morte de um membro deste grupo e de um casal daqueles. Os contínuos ataques na região dos igarapés Maxacuca e Xinane provocam o deslocamento de parte dos Kampa para jusante, fixando eles uma nova aldeia na foz do igarapé Parananzinho, na divisa das terras indígenas Kampa e Kulina do Rio Envira, onde, não obstante, voltam a ser acossados pelos isolados em 1984/85. Rastreamento os vestígios deixados pelos isolados, os Kampa localizam cinco malocas do grupo atacante nas nascentes do igarapé Parananzinho, entrando outra vez em conflito com os mesmos nesse local em 1986. Após um longo período sem outras notícias, os isolados tentam novamente flechar os Kampa da aldeia junto à foz do Parananzinho em 1996.

Paralelamente a esses fatos na região do igarapé Parananzinho, que envolveram possivelmente o grupo isolado que hoje habita a região das cabeceiras dos rios Humaitá e Muru, acirram-se os ânimos entre os isolados das cabeceiras do igarapé Papavô e os Kaxinawá do rio Jordão. Em 1983, os isolados realizaram um saque na colocação Paranã, levando roupas e utensílios de trabalho. No ano seguinte, novos roubos ocorrem no seringal Novo Segredo (ou Revisão) e nas colocações Macedo e Boca do Novo Acre, ocupadas pelos índios Kaxinawá. Em 1985, os índios isolados forçam a saída de uma família Kaxinawá da colocação Paranã, saqueando uma casa Kaxinawá e baleando a mulher de um seringueiro, sendo então descobertos quatorze acampamentos de caça feitos por eles nas cabeceiras do rio Jordão. Em 1986, os 'brabos' voltam a roubar as colocações Kaxinawá de Boca do Novo Acre, Boa Viagem e Paraíso, sendo surpreendido um grupo deles composto por homens, mulheres e crianças na foz do igarapé Papavô. No final de 1988, quatro caçadores Kaxinawá que caçavam no igarapé Papavô encontraram-se com dois índios isolados, matando um e baleando o outro na ocasião. Dois anos depois, um Kaxinawá é baleado por um índio isolado enquanto descia numa canoa o alto Jordão; posteriormente, um Kaxinawá da mesma família voltou a ser baleado pelos isolados em 1994 quando margeava as praias do alto Jordão acima do seringal Bondoso.

No correr dos anos 90, os registros sobre saques e conflitos armados envolvendo índios isolados e seringueiros passam a se concentrar decididamente na zona do alto Tarauacá e seu afluente da margem direita, o rio d'Ouro, havendo menção igualmente à região das nascentes dos rios Muru e Humaitá. Os testemunhos pessoais recolhidos no local, no entanto, indicam que a presença de grupos indígenas isolados nessa região é muito mais antiga, sendo relatada a morte de um seringueiro em um ataque realizado no igarapé Noaiá no ano de 1939. Em 1955, uma mulher foi flechada no seringal Alegria, no alto rio d'Ouro; novamente em 1978, outra mulher também seria flechada no rio d'Ouro, desta vez na colocação Quarteirão, do seringal Itamaracá. Em 1989, os isolados aparecem nas cabeceiras do igarapé Delfino, afluente da margem direita do rio d'Ouro; no ano seguinte, sua presença se faria sentir no seringal Cachoeira e colocações Floresta, Oriente e Vestúvio, no trecho próximo do rio d'Ouro, bem como no seringal Paraíso, na confluência do igarapé Formoso com o rio Tarauacá. Em 1991, os isolados flecham uma mulher na colocação Café, situada no alto d'Ouro; dois anos depois, no trecho imediatamente a montante, flecharam outra mulher na colocação Paraguá, do seringal Itamaracá. Em 1994, os índios isolados aparecem na colocação João Braga do seringal Alegria, saqueando no ano seguinte duas casas na colocação Floresta do seringal Cachoeira, no alto rio d'Ouro. Em maio de 1996, na colocação Tabocal do seringal São Paulo, no alto Tarauacá, flecharam e mataram mãe e filha; no mesmo ano, aparecem nos seringais Cachoeira e Alegria, na colocação São Francisco, à margem do rio d'Ouro. Em setembro de 1997, na colocação Café do

seringal Alegria, no alto rio d'Ouro, flecharam um seringueiro, falecendo o mesmo por esfaqueamento. Poucos dias depois, um grupo de índios isolados tentou sem sucesso flechar dois seringueiros que seguiam numa canoa na colocação Paraguá do seringal Itamaracá. No mesmo período, várias colocações dos seringais Alegria e Itamaracá foram roubadas (João Braga, Café II e Itamaracá III), sendo que desta última, levaram utensílios variados e até um toca-discos e uma máquina de costura. Durante sobrevôo realizado em fevereiro de 1998, os sertanistas da FUNAI, Sydney Possuelo e José Carlos Meirelles, localizaram três malocas de índios isolados na zona entre as cabeceiras dos rios Muru e Humaitá. Pertenciam provavelmente a essas malocas os índios que, em maio de 1998, saquearam a colocação Boa Esperança, no alto rio Muru. Do mesmo modo, é possível que tenham saído delas os índios isolados que, em outubro de 1999, roubaram diversos utensílios na aldeia São Luís dos Kaxinawá do rio Humaitá. Finalmente, em maio de 1999, os isolados mataram a flechadas animais domésticos no seringal Boca de Pedra, no alto Tarauacá, roubando uma espingarda na escola do mesmo seringal em novembro daquele ano.

É preciso observar que, durante esse período mais recente, os grupos isolados continuaram se fazendo sentir na base da Frente de Contato Envira, instalada nas proximidades da confluência do rio Envira com o igarapé Xinane. Em 1990, eles atacaram dois servidores a quinhentos metros da base da Frente de Contato; cinco anos depois, no trecho do Envira acima do Xinane, um servidor da Frente foi flechado e baleado por índios isolados. Em 1996, os índios fizeram uso da roça preparada pela Frente na margem oposta do Envira, encontrando-se em seguida vestígios dos mesmos no igarapé Xinane. Em maio de 1998, por ocasião dos trabalhos de demarcação física dos limites da TI Kampa e Isolados do Rio Envira, os isolados destroem um acampamento da equipe responsável no alto igarapé Imbuia, no limite sul da TI Alto Tarauacá. Em junho, um grupo invade a base da Frente de Contato no Envira, incendiando suas edificações, encontrando-se em seguida diversos vestígios de utilização do território entre os igarapés Maxacuca e Sete Voltas. Neste mesmo mês, os trabalhos de demarcação da TI Kampa e Isolados do Rio Envira foram interrompidos por pressão dos índios isolados nas cabeceiras do igarapé Major Dantas, afluente do alto igarapé Riozinho, onde foram localizados diversos tapiris de caça. Por fim, em outubro de 1999, um grupo de aproximadamente 40 índios, possivelmente Masko, adentrou a base da Frente de Contato, matando os animais de criação, roubando ferramentas e outros utensílios e colocando os servidores presentes em fuga. Cerca de um mês depois, localizaram-se vestígios desse grupo, estimado em 200 pessoas, na região conhecida como *Thumbo*, no alto Envira.

As informações resumidas acima comprovam a presença atual de grupos isolados no interior e no entorno da TI Alto Tarauacá. Até recentemente, os aldeamentos desses grupos isolados foram construídos de forma a facilitar suas fugas, caso fossem molestados. Como há quase duas décadas vêm diminuindo as ameaças externas contra suas malocas, puderam, então, construir aldeamentos mais permanentes e duradouros, como aqueles fotografados em fevereiro de 1998 pelo chefe do DEII (cujas fotos foram juntadas às fls. 613/615 do Processo em referência). Algumas considerações, entretanto, podem ser feitas a respeito dos aldeamentos desses grupos isolados: a) estão situados numa extensa faixa de floresta onde inexitem seringueiras e árvores de caucho, o que provavelmente motivou a sua não ocupação pela empresa seringalista; b) localizam-se nas nascentes de pequenos igarapés, em áreas de difícil acesso e escassamente povoadas; c) encontram-se situados em terras altas das cabeceiras dos rios, no interior da floresta; d) são construídos de forma extremamente adaptada à natureza da região, de maneira a dificultar sua localização tanto por parte dos seringueiros não-índios, quanto por outros povos isolados ou não, que podem disputar o mesmo território e áreas de perambulação; e) para se aproveitar ao máximo as condições ecológicas e a necessidade de segurança, seus aldeamentos são construídos no mesmo espaço dos roçados, que são imprescindíveis ao fornecimento de alimentos básicos, conforme demonstra o sertanista Meirelles ao descrever suas malocas situadas nas cabeceiras do rio Humaitá: "Foram encontradas três malocas de índios isolados. Uma delas fica a aproximadamente 30 km do Seringal Alegria (na TI Alto Tarauacá). Esta maloca, composta de seis roçados de tamanho considerável, quatro dos quais com moradias que tem 6 a 7 metros de largura por 25 a 30 metros de comprimento, deve abrigar no mínimo 100 pessoas" (Proc. 1941/92). O antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel, que identificou várias terras indígenas no Acre a partir de meados da década de 70 e que, em 1996, procedeu diligência sobre a TI Kampa e Isolados do Rio Envira por determinação do Ministério da Justiça, dá a exata percepção da dificuldade de se analisar esse item, considerando a especificidade dos grupos isolados: "Quanto aos isolados não dispomos de dados concretos. Todas as aldeias localizadas por índios Kampa ou por servidores da FUNAI eram construídas em áreas altas, de difícil acesso e encontravam-se semi-encobertas pela mata" (Proc. 2420/81).

III- ATIVIDADES PRODUTIVAS

Como o Grupo Técnico (GT) não teve acesso aos grupos isolados e a suas aldeias, as atividades produtivas foram descritas por informações e deduções. A primeira atividade produtiva é a agricultura da floresta. Na foto nº 03, tirada em fevereiro de 1998 no sobrevôo realizado pelos dois referidos sertanistas da FUNAI, foram constatadas três grandes malocas situadas no meio de um roçado de terra firme, onde se destacam os cultivos de banana, cana-de-açúcar, mandioca e urucum. Informações de velhos Kaxinawá do rio Jordão, contudo, confirmam que estes produtos agrícolas são bem mais diversificados, destacando-se ainda o plantio de amendoim, de diversas espécies de milho e de batatas, com sementes domesticadas na floresta pelos próprios grupos isolados ou, então, colhidas nos roçados dos Kaxinawá dos seringais Novo Segredo e Bondoso, localizados nas cabeceiras do rio Jordão, e até mesmo nos roçados dos seringueiros do alto rio Tarauacá e dos Kampa do alto rio Envira.

Os grupos isolados, por ocuparem as nascentes de pequenos igarapés na "mata bruta", longe, portanto, das margens dos grandes rios, são tidos como excelentes caçadores e coletores. Caçam com arco e flechas, e hoje em dia até com espingardas, animais de grande porte, como anta, queixada, porquinho e veado, bem como "embiaras", animais pequenos, como tatu, paca, cutia, mutum, cujubim e outros. No auge do verão, pescam com arco e flecha e, em certas ocasiões, com tingüi e outros ictiotóxicos coletados na floresta. Nesta época do ano, seus grupos familiares costumam perambular pelo alto curso dos rios, coletando ovos de tracajá e tartarugas em suas extensas praias, onde constroem tapiris para dormir, estabelecendo seus acampamentos. O verão é também a estação propícia para "apropriação de bens industrializados" que realizam regularmente, saqueando as casas das colocações de seringueiros no alto rio Tarauacá, aldeias Kaxinawá nas cabeceiras do rio Jordão, e Kulina e Ashaninka no alto Envira. Esses saques ou "roubos de brabos" vêm ocorrendo desde o início deste século, quando do estabelecimento da empresa seringalista nos altos rios acreanos. É uma prática realizada predominantemente por homens jovens, aptos a caminharem grandes distâncias, a carregarem grandes cargas e a fugirem em velocidade, quando necessário. Estes saques ocorrem principalmente na estação seca, de maio a setembro, quando os rios e igarapés estão com pouca água, facilitando as longas caminhadas pelos seus leitos sem deixar rastros e, ainda, quando a terra está seca, dificultando a localização dos vestígios de suas presenças. Constatou-se, por outro lado, que esses grupos isolados já necessitam de forma imprescindível de instrumentos de ferro e aço, armas e outros bens industrializados encontrados nas casas de seringueiros do alto rio Tarauacá e de índios Kaxinawá, Kulina e Ashaninka dos rios Jordão e Envira. A leitura da bibliografia existente e dos depoimentos colhidos pelo GT, dão a exata dimensão dos objetos que esses povos isolados pilham costumeiramente, tais como: terçados, machados, facas, panelas, enxadas, chumbo, pregos, bacias de defumar, tigelas de seringa, anzóis, linhas de pesca, rifles, espingardas, munições, colheres, garfos, pratos, copos, latas vazias, garrafas, roupas, cobertores, redes, mosquiteiros, toalhas de banho, papeiros, regadores e, alguns objetos de serventia duvidosa para os mesmos, como máquina de costura, toca-discos, máquina de escrever, pilhas, colchões e cadernos.

IV- MEIO AMBIENTE

A TI Alto Tarauacá está inserida num corredor ecológico contínuo de terras e unidades de conservação reservadas pelo governo federal na região do Alto Juruá acreano, constituído por dezenove terras indígenas, três reservas extrativistas (uma já regularizada e duas outras em processo de criação) e o Parque Nacional da Serra do Divisor (PNSD). Parte desse conjunto contínuo de terras se sobrepõe à área da antiga Reserva Florestal do Acre, criada pelo Decreto nº 8.843, de 26 de julho de 1911, assinado pelo então Presidente da República, Hermes da Fonseca. Esta mais antiga medida do governo brasileiro para proteção e conservação de importantes recursos naturais da floresta amazônica nunca chegou a ser materializada, mas jamais foi revogada em suas intenções. Neste decreto, a Reserva Florestal está configurada por quatro faixas extensas de floresta: Alto Acre, Alto Purus-Envira, Rio Gregório e Extrema do Juruá. A Faixa do Rio Gregório, que coincide com o centro do mosaico atualmente configurado, abrange alguns dos principais afluentes da margem direita do rio Juruá e da margem esquerda do rio Tarauacá, a saber: Tejo, Bagé, Cruzeiro do Vale, Valparaíso, Riozinho da Liberdade, Gregório, Acuraua, Catuquina, Primavera e São Salvador. Esta faixa coincide com a atual localização de parte das três reservas extrativistas e de cinco terras indígenas. A Faixa Extrema do Juruá, plotada ao longo da fronteira mais ocidental do estado, coincide com a atual disposição do Parque Nacional da Serra do Divisor. A faixa do Envira,

por sua vez, coincide atualmente com partes das terras indígenas Kampa e Isolados do Rio Envira e Alto Tarauacá.

Por estar circundada pelas terras indígenas Kaxinawá do Rio Jordão, Kampa e Isolados do Rio Envira, Kaxinawá do Rio Humaitá e Kulina do Rio Envira e, ainda, pela fronteira internacional com o Peru, a TI Alto Tarauacá mantém até hoje a sua cobertura florestal praticamente inalterada. Tratam-se de florestas de terra firme, ocorrentes nos divisores de águas e nascentes de vários rios e igarapés, tal como assinalou o sertanista Meirelles, chefe da Frente de Contato Envira: "As terras são altas, enrugadas, cheias de altos e baixos. São as terras que dividem as águas das nascentes de vários rios: Breu, Jordão, Tarauacá e Envira. É difícil de se encontrar então 600 a 1.000 metros planos. Não existe pedra na região. As terras altas 'derretem' com a chuva, os rios se assoreiam e toda fina camada de húmus acaba por ser levada pelas enxurradas, deixando o solo nu, imprestável, estéril". (Processo 1941/92). O clima é predominantemente úmido, havendo duas estações características: inverno e verão. Nos meses de auge do verão, junho e julho, ocorre o fenômeno das "friagens". É uma área banhada por dezenas de igarapés, que afluem para os rios principais, todos nascidos na TI Alto Tarauacá, sendo o maior deles o rio Tarauacá, que tem afluentes importantes em ambas as margens, tais como o d'Ouro, Muru, Formoso, Paraná e outros. Todos os rios da região possuem pequenas corredeiras, facilmente transpostas no verão. No período das chuvas, esses rios tomam volumes gigantescos e na estação seca, reduzem-se a filetes d'água. Nos seus leitos, ocorre a presença de milhares de árvores que foram arrancadas das margens no período invernos.

As florestas da TI Alto Tarauacá ainda estão integralmente preservadas, apesar da ocupação humana da região ter ocorrido desde o início do século. Suas matas "apresentam uma cobertura vegetal predominantemente do tipo floresta ombrófila aberta dominada por palmeiras, ocorrendo manchas de bambu e árvores emergentes que atingem em média 25 metros. Nas matas de várzea encontramos a floresta aluvial aberta dominada por palmeiras sendo a embaúba e a tacana espécies que se destacam" (Ferreira, Lucimar A., "Análise ambiental complementar sobre a Terra Indígena Kampa e Isolados do Rio Envira", 1996). Suas florestas também abrigam centenas de espécies vegetais e animais de importância e utilidade variada para a vida e cultura dos grupos isolados que a habitam. Segundo o relatório, "a Terra Indígena Alto Tarauacá está ambientalmente preservada, garantindo aos povos indígenas que a habitam um território de floresta rica em alimentos, como se ali fosse um santuário de reprodução de espécies animais; rica em recursos naturais disponíveis os mais variados, com muita água, com uma fauna variada e em processo de crescimento".

V- REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A partir de meados da década de 80, devido à progressiva queda de preço e falta de mercado para a borrachá, com o conseqüente esvaziamento dos seringais nos altos rios, os grupos isolados vêm apresentando um perceptível aumento demográfico. Em 1988, os grupos isolados que perambulam pelas terras indígenas Alto Tarauacá, Kampa e Isolados do Rio Envira, Kaxinawá do Rio Jordão, Xinane, Kulina do Rio Envira e Kaxinawá do Rio Humaitá foram estimados em cerca de 200 índios pelo sertanista Meirelles, chefe da FCE. Dez anos depois, este mesmo sertanista da FUNAI, após sobrevôo realizado nas cabeceiras destes rios, considerou a existência de cerca de 600 índios isolados nesta mesma região. Deve-se ressaltar que pelo menos metade dessa estimativa corresponde à população indígena cujas malocas encontram-se situadas fora do perímetro da TI Alto Tarauacá, mas que freqüentam esta área, conforme já descrito.

A retirada dos ocupantes não índios instalados nos limites da área identificada e delimitada é uma medida que poderá contribuir efetivamente para pacificar a região compreendida pelo alto curso do rio Tarauacá e regiões vizinhas, tendo em vista a localização privilegiada desta terra, com seu entorno quase todo protegido por cinco outras terras indígenas e, ainda, pela fronteira internacional com o Peru. Isso contribuirá significativamente para diminuir os conflitos armados e mortes de ambos os lados desta disputa territorial, permitindo a existência de uma extensa faixa da floresta suficiente para a reprodução física e cultural desses povos indígenas isolados.

Observa-se, por outro lado, a necessidade que estas populações têm de novas tecnologias, sobretudo de instrumentos de ferro e armas de fogo. Deles virão atrás, nem que tenham que caminhar muitos dias pela floresta, chegando até mesmo na periferia da pequena cidade de Jordão, sede do município de mesmo nome. Hoje, quase todos os grupos isolados da TI Alto Tarauacá e de seu entorno já substituíram seus machados de pedra por machados e terçados de aço, quando da abertura de seus roçados e construções de suas malocas. Alguns destes povos já utilizam, inclusive, armas de fogo, porque aprenderam a manejar corretamente espingardas, cartuchos e munição (pólvora, chumbo e espoleta). Ultimamente estas armas têm sido usadas tanto nas caçadas quanto para alvejar seus inimigos, no caso os seringueiros da TI Alto Tarauacá e índios Kaxinawá, Kampa e Kulina, que ocupam outras terras indígenas em seu entorno. Como a Frente de Contato da FUNAI não vem lhes oferecendo esses instrumentos de trabalho e outros objetos ou "brindes", eles têm buscado de toda forma sua obtenção, ainda que estejam distantes. Embora a Frente evite, por mais algum tempo, o contato com esses grupos isolados, tentando assim melhor protegê-los e às suas terras, a tendência será o inevitável contato interétnico.

VI- SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

Durante o trabalho de campo, realizado nos meses de junho/julho de 1998, os integrantes do GT percorreram todos os seringais e colocações existentes no perímetro da TI Alto Tarauacá, sempre acompanhados por seus donos e ocupantes. Os integrantes do GT levaram em consideração a ocupação atual até 13.07.98, data em que se encerrou o trabalho de campo. O GT vistoriou todas as ocupações dos seringueiros e gerentes de seringais que, embora não fossem proprietários regularizados, detinham a ocupação de suas colocações e sedes de seringais e nelas tinham e/ou têm suas benfeitorias. Assim, conforme explicitado no quadro a seguir, foram efetuados os Laudos de Vistoria e Avaliação (LVAs) das ocupações referentes a 53 famílias de seringueiros que habitavam, naquela ocasião, esta terra indígena, sendo que desse total, nove se referiam às sedes dos seringais São Paulo, Boca de Pedra, Nova Mina, Paraíso, Ceretama, Iguatú, Cachoeira, Alegria e Itamaracá e 44 eram colocações de centro destes seringais e, ainda, do seringal Foz d'Ouro, cuja sede está situada fora dos limites desta terra. Os membros do GT verificaram, ainda, que as 53 famílias de ocupantes não-índios perfaziam um total de 401 indivíduos, sendo que desse total, 227 haviam abandonado recentemente a terra indígena devido aos constantes ataques de índios isolados e 174 lá permaneciam, aguardando a indenização de suas benfeitorias pela FUNAI.

No levantamento cartorial constatou-se que a TI Alto Tarauacá está parcialmente inserida na Gleba Jordão/Envira, com superfície de 139.650 ha, já arrecada em nome da União. Da extensão total desta Gleba, arrecadada pelo INCRA em 1980, cerca de 43.000 ha foram incluídos na terra indígena identificada e delimitada em 1998. Dentro desta Gleba estão localizados os seringais São Paulo e Nova Mina. A maior parte dos mencionados seringais, no entanto, está registrada em nome de vários proprietários, sendo que nenhum deles ocupava a terra indígena por ocasião da realização do levantamento fundiário.

OCUPANTES NÃO ÍNDIOS NA TI ALTO TARAUACÁ (1998)

LVA	Nome do ocupante	Seringal ou Colocação	Tempo de ocupação (anos)	Situação da ocupação
01	Ademir Batista de Figueiredo	Vesúvio	03	Posse
02	Luiz Morais	Vesúvio II	06	Posse
03	Francisco Alves de Moraes	Oriente	67	Posse
04	Francisco Paulino Amâncio	Floresta	44	Posse
05	Damião Eufrásio de Castro	Boa Esperança	30	Posse
06	Hilário Holanda de Melo	Sede do Cachoeira	94	Titulada
07	Francisco Sampaio da Silva	Benício	22	Posse
08	Francisco da Silva	Infinito do Cedro	13	Posse
09	Francisco Fontenelle de Albuquerque	Chico Lopes	19	Posse
10	Antonio José Lopes Fontenelle	Antonio José	04	Posse
11	Antonio Xavier Pereira	Pendência I	14	Posse
12	Raimundo Vítor da Silva	Pendência II	04	Posse
13	Francisca Mendes de Arruda	São Domingos	07	Posse
14	Francisco Vítor da Silva	São Francisco	05	Posse
15	Maria das Graças Fernandes da Silva	Santa Maria	06	Posse
16	Miguel Correia da Rocha	São Miguel	26	Posse
17	José Ambrósio da Silva	João Braga	13	Posse
18	Francisco André de Souza	Paraguá	02	Posse
19	Joel Vítor da Silva	Paraguá II	11	Posse

20	Otávio da Rocha Melo	Sede do Alegria	94	Titulada
21	Elton Vitor	Café I	20	Posse
22	Francisca Vitor	Café II	10	Posse
23	Edgard Brandão de Lima	Itamaracá I	21	Posse
24	Francisco Chagas da Cruz Andrade	Itamaracá II	19	Posse
25	Angelo Açu de Lima	Sede do Itamaracá	21	Posse
26	José Carlito da Silva	Itamaracá III	06	Posse
27	Valdemar de Barros Mourão	Perseverança	18	Posse
28	Pedro Correia da Rocha	Mororó	10	Posse
29	Francisco Alves de Oliveira	Sede do São Paulo	100	Posse
30	Antonio Braga da Silva	Sede do Nova Mina	28	Posse
31	Antonio Francisco da Conceição	Sede do Paraíso	30	Posse
32	Conceição Julião do Nascimento	Paraíso I	12	Posse
33	Antonio Julião do Nascimento	Paraíso II	05	Posse
34	João da Rocha Melo	Boca de Pedra (sede)	42	Titulada
35	Manoel Jason Rodrigues da Silva	Boca de Pedra I	03	Posse
36	Francisco Braga de Oliveira	Ceretama I	23	Posse
37	Manoel Adeziro Rodrigues da Silva	Os Porcos	04	Posse
38	Sebastião do Nascimento Silva	Rosa Branca	24	Posse
39	Eduardo Nascimento da Silva	Rosa Branca I	19	Posse
40	Mozaniel Rodrigues de Souza	Estrela	12	Posse
41	Manoel Marcenilo Teixeira de Souza	Zé Grande	02	Posse
42	Hilário de Holanda Melo	Sede do Ceretama	94	Titulada
43	Geraldo Leite Brandão	Patoá	08	Posse
44	Antonia Brandão de Lima	Ceretama II	05	Posse
45	Eldo do Nascimento Silva	Boa Esperança	02	Posse
46	Risoleta Jesus da Silva	Sede do Iguatú	18	Posse
47	Manoel Ferreira Garcia	Paraná	15	Posse
48	José da Silva de Souza	Estirão	04	Posse
49	José Antonio do Nascimento	Montevidéu	24	Posse
50	José Paulino da Silva	Pranchão	01	Posse
51	Francisco das Chagas da Silva Rodrigues	Buraco do Zé Mateus	05	Posse
52	Francisco da Silva	Noaiá	09	Posse
53	Ademar Gomes de Lima	Canudos	06	Posse

VII- CONCLUSÃO

Em decorrência do acirramento dos conflitos entre a população regional e os índios isolados que habitam as cabeceiras dos rios Jordão, Tarauacá e Envira, a FUNAI instituiu em 1987 a Frente de Atração Rio Jordão. Transformada no ano seguinte na Frente de Contato Envira (FCE), teve a sua base estabelecida na margem direita do alto rio Envira, em frente à foz do igarapé Xinane, no local de uma antiga aldeia Kampa. Ainda no final de 1987, com base na proposta apresentada pela Frente de Contato, foi expedida a Portaria PP nº 3.764, de 13.11.87, que deliberou interditar para fins de estudos e definição a TI Alto Tarauacá com a superfície de 52.000 ha e perímetro de 150 km. Essa área correspondia basicamente à região situada entre as nascentes dos rios Tarauacá e d'Ouro e a margem esquerda do igarapé Imbuia. Após a expedição do Decreto nº 22/91, o processo relativo à TI Alto Tarauacá foi submetido à Comissão Especial de Análise criada pela Portaria nº 398/91, tendo recebido em consequência o Parecer nº 32, de 11.09.92, recomendando a demarcação da área então definida. Contudo, em consequência do recrudescimento dos conflitos interétnicos no território situado ao norte da área interdita, foi proposta pelo chefe da FCE a redefinição dos limites da TI Alto Tarauacá. Acolhendo essa sugestão, foi expedida a Portaria nº 476/PRES, de 21.05.98, estabelecendo restrição ao direito de ingresso, locomoção e permanência de pessoas estranhas por um período de três anos sobre uma superfície de 132.500 ha e perímetro de 259 km. No dia seguinte, foi constituído grupo técnico através da Portaria nº 483/PRES, de 22.05.98, com a finalidade de proceder a identificação e delimitação da TI Alto Tarauacá. Este GT propôs a demarcação de uma área com superfície de 142.600 ha e perímetro de 239 km, estabelecendo o limite norte da terra indígena na confluência dos rios Tarauacá e d'Ouro, como já definido na Portaria nº 476/98, e abrangendo o curso do alto Muru até sua confluência com o igarapé São Francisco de forma a incluir as habitações indígenas descobertas no sobrevôo realizado em fevereiro de 1998.

A terra indígena Alto Tarauacá, conforme configurada no mapa e memorial descritivo de delimitação anexos, é tradicionalmente ocupada pelos índios, nos termos do artigo 231, § 1º, da Constituição de 1988. Sua demarcação e regularização deve ser providenciada o quanto antes, tendo em vista que os registros históricos comprovam a presença de populações indígenas no alto curso do rio Tarauacá antes mesmo da chegada dos integrantes das frentes extrativistas da borracha e do caucho no início deste século e que estes grupos isolados continuam organizados na terra indígena segundo padrões culturais próprios, nela exercendo suas formas tradicionais de subsistência física e cultural. De acordo com o sertanista José Carlos dos Reis Meirelles Júnior, "a constatação da existência de grupos de índios isolados, com uma população significativa (em se tratando destes grupos), no final deste milênio, representa para nós indigenistas uma grata surpresa. Para a FUNAI, o desafio de assim preservá-los, e para o Brasil, um patrimônio. Estes índios resistiram há quase 100 anos de constantes massacres. Deixá-los viver em paz, em seu mundo, cercados de seu ambiente natural, sem interferências externas deverá ser o objetivo final de nosso trabalho".

ANTONIO PEREIRA NETO
 Antropólogo-Coordenador do GT Portaria nº 483/PRES/98

TERRI VALLE DE AQUINO
 Antropólogo DEID/DAF

Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF
 Departamento de Demarcação - DED
 Memorial Descritivo de Delimitação
 Denominação
 Terra Indígena ALTO TARAUCÁ
 Grupo Indígena
 Isolados
 Localização

Municípios: Jordão e Feijó
 Administração Executiva Regional: Rio Branco

Estado: Acre

Coordenadas dos Extremos

Extremo:	Latitude	Longitude
Norte:	09°22'25" S	71°43'55" WGr
Leste:	09°29'00" S	71°39'22" WGr
Sul:	09°49'54" S	72°07'10" WGr
Oeste:	09°48'42" S	72°09'19" WGr

Base Cartográfica

Nomenclatura: SC.19-V-C-I, SC.19-V-C-IV, SC.18-X-D-III, SC.18-X-D-VI
 Escala: 1:100.000
 Órgão: DSG
 Ano: 1987

Dimensões

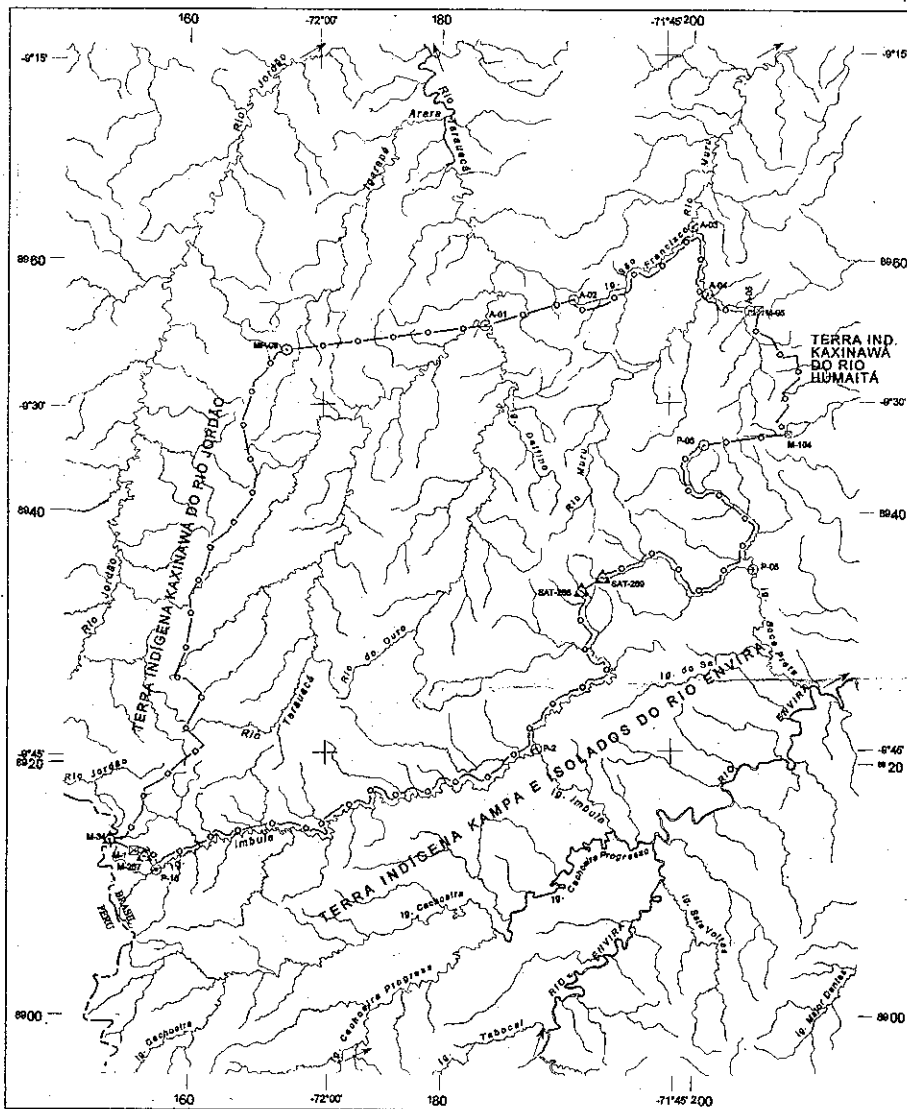
Superfície: 142.600 ha (cento e quarenta e dois mil e seiscentos hectares) aproximadamente.

Perímetro: 239 km (duzentos e trinta e nove quilômetros) aproximadamente.

Descrição do Perímetro

NORTE: Partindo do Marco MP-09, da demarcação da T. I. Kaxinawá do Rio Jordão, de coordenadas geográficas 09°27'39,4"S e 72°01'32,8"Wgr., localizado próximo a cabeceira do Igarapé Canafistula, segue por uma linha reta,

até o Ponto A-01, de coordenadas geográficas aproximadas 09°26'38"S e 71°52'57"Wgr., localizado na confluência do Rio Tarauacá com o Rio do Ouro; daí, segue por uma linha reta o Ponto A-02, de coordenadas geográficas aproximadas 09°25'33"S e 71°49'08"Wgr., localizado na cabeceira do Igarapé São Francisco; daí, segue pela margem direita do referido igarapé, a jusante, até o Ponto A-03, de coordenadas geográficas aproximadas 09°22'25"S e 71°43'55"Wgr., localizado na confluência com o Rio Muru. LESTE: Do ponto antes descrito, segue pela margem esquerda do Rio Muru, a montante, até o Ponto A-04, de coordenadas geográficas aproximadas 09°25'19"S e 71°43'18"Wgr., localizado na confluência com um igarapé sem denominação; daí, segue pela margem esquerda deste, a montante, até o Ponto A-05, de coordenadas geográficas aproximadas 09°26'20"S e 71°41'28"Wgr., localizado na confluência com outro igarapé sem denominação; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M-95, da demarcação da T.I. Kaxinawá do Rio Humaitá, de coordenadas geográficas 09°26'55,82"S e 71°41'14,46"Wgr., daí, segue pelo divisor de águas que separa a bacia do Rio Humaitá da bacia do Rio Muru, confrontando com o limite oeste da T. I. Kaxinawá do Rio Humaitá, até o Marco M-104, de coordenadas geográficas 09°31'22,97"S e 71°39'49,93"Wgr. SUL: Do marco antes descrito, segue confrontando com o limite norte da demarcação da T. I. Kampa e Isolados do Rio Envira, até o Marco M-34, de coordenadas geográficas 09°48'41,94"S e 72°09'18,95"Wgr., localizado no limite internacional Brasil/Peru. OESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo divisor de águas que separa a bacia do Rio Jordão da bacia do Rio Tarauacá, confrontando com o limite leste da demarcação da T. I. Kaxinawá do Rio Jordão, até o Marco MP-09, início da descrição deste perímetro. Responsável Técnico pela Identificação dos Limites: Afonso Gerson Farias da Rocha, Técnico em Agrimensora - AER/BEL, CREA 293/TD - PA/AP



- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - POSTO INDÍGENA, CAMPO DE POURO
 - ALDEIA INDÍGENA, MALOCA INDÍGENA
 - MARCO DE DIVISA, PONTO DE SATELITE
 - PONTO DIGITALIZADO, DIREÇÃO DE CORRENTE
 - PLACA INDICATIVA, CERCA DE APARTE
 - RODovia DE REVESTIMENTO SÓLIDO
 - RODovia TRANSITÁVEL O ANO TODO
 - RODovia TRANSITÁVEL EM TEMPO BOA CLIMA
 - RIO PERMANENTE, RIO INTERMITENTE
 - LAGO OU LAGUNA, TERRENO SUJEITO A INUNDAÇÃO
 - LIMITE ESTADUAL, LIMITE MUNICIPAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF

DESCRIÇÃO: TERRA INDÍGENA ALTO TARAUCÁ		MUNICÍPIO: JORDÃO E FEIJÓ	
ESTADO: ACRE		MUNICÍPIO: RIO BRANCO	
SUPERFÍCIE: 742.600Hr		PERÍMETRO: 239 Km	
ESCALA: 1:400.000		DATA: 14/02/2000	
PROGRESSO: 1041/02		BASE CARTOGRAFICA: 1482, 1483, 1527, 1528	
RESP. TEC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES: AFONSO GERSON F. DA ROCHA Téc. em Agrimensora - AER/BEL CREA n.º 293/TD - PA/AP		RESP. TEC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES (VIAO CHEFE DO DEB): ANTÔNIO PEREIRA NETO Antropólogo - FUNAI	
RESP. TEC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES (VIAO CHEFE DO DEB): MARKEL FRANCISCO COLONAO Engenheiro em Agrimensura CREA n.º 24.372/00-02		PORTARIA n.º: 483/98 - PRES	